

INFERNO NO VATICANO

FLÁVIO CAPULETO

Uma caneta e um livro podem mudar o mundo

As personagens mencionadas neste livro são fictícias. Qualquer semelhança com a realidade é pura coincidência.

O Autor

*Este romance é dedicado a
Jorge Mario Bergoglio, Papa Francisco*

PRÓLOGO

Antiqua Vaticana

Segundo piso do bunker

Francesco Barocci, curador do Tesouro, entretinha-se a limpar a vidraça à prova de bala que protegia dos ladrões e dos vândalos as duas maiores relíquias da Cristandade: a Arca da Aliança e o Santo Sudário de Turim. Barocci dispunha de dois assistentes a quem podia encarregar daquele serviço, mas preferia fazê-lo, dado o respeito que a vitrina lhe merecia. Não obstante a controvérsia gerada à volta do assunto, não punha em causa a autenticidade dos achados arqueológicos. Ultimamente, andava com maus presságios e arrepiava-se até da sua própria sombra. Este nervosismo levou-o a estremecer quando sentiu um vulto a aproximar-se.

– Não reaja, não fuja nem grite – ordenou o intruso, usando um *spray* para imobilizar a vítima.

– O que pretende de mim? – perguntou Francesco.

Não reconheceu o adversário, inebriado pelo perfume de flores que se desprende do vaporizador, contaminando o ar.

– Ainda não me disse o que quer.

– Nem preciso. Fique quieto; não tardará a ter sonhos cor-de-rosa e a sentir uma paz doce.

O estranho estava a um metro de distância e não tinha outra arma a não ser o vaporizador.

- O que me vai fazer?
- Vou conduzi-lo ao Paraíso.

Barocci aproveitou os últimos assomos de lucidez:

- Podia ao menos revelar-me o motivo por que pretende mandar-me para a... pátria dos anjos!

A resposta não demorou:

- Porque a sociedade secreta a que pertence não é digna do tesouro que está escondido nas entranhas deste edifício.

– Como assim?

- Não faça de sonso, Francesco: os Filhos da Luz de que você faz parte querem alienar o tesouro material do Vaticano. Nós, os conservadores, não aceitamos essa venda nem o ideário dos reformistas.

– Não aceitam porque são uns fanáticos intolerantes, uns... idealistas cegos. O tesouro é suficiente para resolver o problema da miséria que assola vários países da Europa. Cristo condenou o luxo e exortou a que distribuíssemos a riqueza por todos os pobres e deserdados de fortuna, por todos os...

- Basta! – vociferou o intruso. – O tesouro pertence à Igreja e não se destina a colmatar os erros dos políticos que lançaram o mundo no caos.

– Mas há na Terra milhões de desempregados, de pessoas a passarem fome – insistiu Barocci. – A situação está a tornar-se explosiva. Se o barril de pólvora deflagrar, as consequências serão trágicas para a humanidade!

- Essa conversa não me interessa. Ainda não reparou que está a pôr a sua cabeça a prêmio? – avisou o intruso. – A Igreja não vai despojar-se do ouro arrecadado porque lhe foi doado pelos seus fiéis ao longo de muitos séculos, tornando-se uma herança sagrada. Os Celeiros de Deus, tal como reza o Antigo Testamento, são intocáveis.

O velho curador não desarmou:

– A Bíblia Velha não pode ser traduzida à letra.

O estranho deu a Francesco a última oportunidade de se reconciliar com Deus:

– Peça perdão das suas faltas porque não tardará a perder o uso das suas faculdades mentais. – Espiou as reacções da vítima e acrescentou: – Não pense que ficará muito tempo sozinho no túmulo. Os seus amigos vão juntar-se a si muito em breve...

Barocci arrepiou-se:

– Vai eliminar todos os Filhos da Luz?

– Um de cada vez, até ao derradeiro elemento. Padres, bispos, cardeais, todos figuram na lista, sem excepção.

Meu Deus, não é possível! Que atrocidade! Pai, perdoai-lhes porque não sabem o que fazem.

Não sentiu dor, apenas uma ligeira picada no braço.

– Que vai fazer? Por favor, não me tire a vida; toda a criatura humana tem direito a uma segunda oportunidade na Terra.

– Não lha vou dar. A sua ida para o Inferno contribuirá para que o património do Vaticano continue intacto. Espero que o Papa não pertença à sua irmandade, pois nesse caso não lhe sobreviverá por muito tempo.

O desespero começou a tomar conta do *prefetto*:

– O Papa está na lista? Oh, por amor de Deus, poupe a vida do Santo Padre. O Chefe da Igreja desconhece o tesouro material guardado pela nossa sociedade secreta.

– Está a mentir e não merece viver.

– Misericórdia...

Sentiu a cabeça pesada, sacudido por fortes tremuras. O intruso amparou-o na queda. Quando o sangue começou a ser sugado pela seringa, Barocci perdeu os sentidos.

Pietro Salvatori tinha acabado de chegar ao seu local de trabalho, um compartimento apetrechado de computadores, faxes, aparelhos sofisticados de comunicação e uma equipa de operacionais seleccionados, de olhos fitos nos ecrãs que tinham na sua frente. O comandante da Guarda Suíça estava de regresso de uma reunião com o secretário de Estado e, mal se sentou na cadeira, estranhou a entrada repentina de Jacopo Calvi, ajudante de Barocci:

– Senhor comandante! Aconteceu uma tragédia na Sala das Relíquias. Encontrei o *prefetto* estendido no chão. Estará morto?

O responsável pela segurança do Vaticano mudou de cor:

– Não me diga uma coisa dessas!

Acto contínuo, Salvatori dirigiu-se aos homens voltados para os monitores do circuito interno de televisão:

– Por amor de Deus, estão a dormir ou quê? Como é possível que ninguém tenha detectado anomalias na Sala do Tesouro?

– Perdão, senhor comandante; registei uma interrupção de imagens no segundo piso da cripta.

– E ficou quieto, Matteo? – A indignação do comandante-chefe das Forças Armadas do Estado do Vaticano era visível. – O intruso deve ter tapado as câmaras instaladas no compartimento!

– Provavelmente. Esperei uns segundos pela normalização do sistema. Foi tudo muito rápido, não deu tempo.

*

Luís Borges estava na sua residência em Cascais quando sentiu a vibração do telefone celular no bolso das calças. De forma descontrainda, atendeu:

- Sim...
- Bom dia, senhor inspector. Fala Pietro Salvatori.
- Ah, o comandante da Guarda Suíça! Algum problema?
- Sim, um problema grave: o curador do Tesouro acaba de ser assassinado no seu posto.

O inspector não esmoreceu:

- Chame as autoridades.
- A *Polizia Giudiziaria*? Só depois de o senhor inspector examinar a vítima no local do crime.
- Mas eu estou em Portugal – avisou Luís Borges.
- Senhor inspector – rogou Salvatori numa voz suplicante –, tome o primeiro avião e voe para Roma.
- Obrigado pela confiança – agradeceu Borges. – Barocci tem sinais de violência física?
- Não, mas estou convencido que foi assassinado.
- Quem ousaria manchar as mãos de sangue?
- É uma pergunta que faço a mim próprio. Talvez o senhor me ajude a encontrar a resposta.

Fora dos muros do Vaticano, o padre Alessandro Barberino, de alcunha o Quebra-Queixo, recebe uma chamada:

- Olá, missão cumprida?
- O Senhor foi servido na perfeição.
- Deixou algum indício?
- Nenhum.
- Deus o abençoe, padre.

– Servir a causa da irmandade é uma honra e um desígnio divino!

– Sim, conservar as vinte e cinco mil toneladas de ouro depositadas no *bunker* é uma missão sagrada. Demos hoje um passo importante para a segurança do património material do Vaticano. A Cidade Eterna não tardará a respirar de alívio...

Não foi por acaso que Luís Borges viajou para Roma no *cockpit* do avião. O piloto, companheiro de infância do investigador, chamou o amigo para a cabina de pilotagem e entabulou com ele uma animada conversa:

– Convidei-o a viajar aqui porque conheço o seu ponto fraco: medo das alturas.

– Na verdade – confessou Borges –, andar de avião sempre me causou um nervosismo miudinho.

– Não vislumbro uma razão de peso para isso. Tenho cinco mil horas de voo e nunca me aconteceu nada. Em contrapartida, muita gente morre na estrada ao cabo de pouco tempo de viagem.

– Cada um morre onde tiver de morrer – disse o detective. – Pensando bem, ninguém controla o seu destino.

Depois de um breve silêncio, o piloto avisou:

– Aperte o cinto!

O investigador obedeceu, e logo depois sentiu o ruído dos motores. Ficou pálido mal o avião começou a deslocar-se na pista.

– A descolagem causa sempre algum desconforto nos passageiros. Descontraia-se. Dentro de duas horas e quarenta e cinco minutos estará no Aeroporto Internacional de Roma.

O telemóvel do detective ganiu no bolso do *blazer*.

– Posso atender? – perguntou.

O piloto foi peremptório:

- Bem sabe que é proibido o uso de telemóveis a bordo. O olhar de Borges tornou-se suplicante.
- É um assunto de extrema importância. Juro que serei breve. Premiu a tecla.
- Alô...
- Senhor inspector?
- Eu próprio. Seja rápido, por favor. Já estou a voar.
- No Aeroporto Leonardo Da Vinci terá à sua espera um helicóptero que o transportará à Cidade do Vaticano.
- Combinado.

Um sorriso espontâneo do piloto serviu para agradecer a obediência do investigador. O fragor dos motores cresceu de intensidade e a aeronave alcançou rapidamente os céus de Lisboa, buscando o destino de forma vertiginosa.

Durante o trajecto, Borges voltou o pensamento para o complexo subterrâneo escondido numa zona tranquila do Vaticano, a cerca de seiscentos metros da actual Basílica de São Pedro. O detective privado do Papa sabia que estavam ali guardados os dois maiores tesouros simbólicos da Cristandade; contudo, desconhecia a existência de quatro pisos clandestinos e o que neles estava escondido. Agora que o assassinio do curador estrondeara, Borges interrogava-se sobre os mistérios que envolviam a cripta, sobretudo por causa das obras de ampliação e transformação que o *bunker* sofrera nos últimos anos.

Na derradeira hora de voo, o piloto pôs-se a falar da crise que estava a arrasar os alicerces do mundo financeiro:

- Com a falência em catadupa de empresas e a redução drástica de postos de trabalho, o tráfego aéreo sofreu uma quebra brutal, meu amigo. No entanto, há rotas que não foram afectadas. Roma é uma delas. Apesar dos tempos conturbados que vivemos,

saiba que o Aeroporto Leonardo Da Vinci registou no último ano um movimento de quarenta milhões de passageiros!

– Sim, é um número significativo. A fé arrasta multidões!

– Sem dúvida – acudiu o piloto. – Suponho que é católico.

Borges não se perturbou:

– Sou católico, como podia ser muçulmano ou budista.

Reflectimos o meio onde nascemos. A fé é universal e não creio que haja muita diferença entre as religiões. Para nos distinguirmos dos irracionais, todos necessitamos de espiritualidade e todos estamos reconhecidos ao poder sobrenatural que nos criou.